

No Chade, “todos, muçulmanos e cristãos, rezam muito”

Mons. Rubén Darío Ruiz é argentino, sacerdote diocesano e membro da diplomacia do Vaticano. Enviado pela Santa Sé, vive actualmente na República do Chade, no centro do continente africano. Contamos, na primeira pessoa, as suas experiências.

04/09/2011

Há uns meses que tenho a alegria de me encontrar na República do Chade. É a primeira vez que um diplomata do Vaticano aqui reside, pelo que me encontro na longa fase de instalação.

A residência por agora é precária. O pessoal e os meios de que se dispõe são escassos. Mas, como bem sabemos, a nossa força não está nos meios, mas em Deus. Sabemos que se requer paciência, sobretudo até se poder contar com as condições necessárias, mas para isso me enviaram: para começar.

Vivo na cidade de N'Djaména, que em árabe do Chade significa: «lugar de descanso». É a capital do Chade e situa-se no Sahel, a faixa de territórios que compõem a área de transição entre o deserto do Sahara e a savana africana.

Esta posição geográfica permite contemplar durante a estação seca o espetáculo da transumância; a

passagem a pé pela cidade que, debaixo de um sol abrasador e com temperaturas de mais de quarenta graus, realizam as tribos nómadas do norte rumo ao sul, com milhares de camelos, bois e cabras.

Um país de realidades contrastantes

O país é extremamente interessante e de realidades contrastantes; temos areia em abundância e ao mesmo tempo áreas verdes fantásticas; pobreza e petróleo; muçulmanos, cristãos e animistas; tribunais tradicionais (forma de administração da justiça anterior à colonização) e tribunais de tipo ocidental; sultões e chefes de tribos; dois idiomas oficiais e mais de 100 línguas locais; um passado (inclusive muito recente) cheio de guerras fratricidas e um presente bastante calmo; escolas católicas, corânicas e do Estado juntamente com antigos ritos de

iniciação; folclore, etnias e culturas muito distintas distribuídas numa população de apenas 11.275.000 de pessoas.

Há umas semanas assisti a uma conferência-debate num centro católico de diálogo inter-religioso. O curioso era que, na realidade, 95% dos assistentes eram muçulmanos. Todos se mostravam muito interessados no tema tratado e participavam com as suas perguntas e comentários.

O que chamou a minha atenção foi que, à hora do pôr-do-sol, se interrompeu a conferência e todos se levantaram para rezar as orações indicadas pelo Islão. A interrupção fez-se com muitíssima espontaneidade e ao terminar os ritos obrigatórios reiniciaram-se as atividades com a mesma naturalidade com que se tinham interrompido.

Como não podia ficar sozinho na sala – qual pagão que não sabe orar – fui pela minha parte rezar o terço e regressei quando a maioria o fez. Pensei, então, um tanto surpreendido: «Vê-se que têm um “plano de vida” e o cumprem com absoluta naturalidade» e recordei-me das palavras claras de São Josemaria: « *Cumprirás este plano [de vida interior], filho, se não deixas por nada!, os teus tempos de oração* » (Forja 737).

Uma ajuda aberta a todas as pessoas

As manhãs são muito longas e produtivas. Recebo diariamente a inesperada ajuda gratuita do *muezzin* da mesquita vizinha, que, às 4h45 entoa no minarete a primeira *adhan* (chamada para oração). Este “despertador” serve-me também para rezar pela conversão do *muezzin* madrugador.

Já começaram as minhas viagens ao interior do país percorrendo as dioceses e as suas paróquias, encontrando-me com os Bispos, os missionários, o clero e os fiéis leigos. A Igreja Católica aqui é muito jovem, tem pouco mais de 70 anos, não pára de crescer e tem vários milhares de catecúmenos.

De acordo com o último índice de desenvolvimento publicado pelas Nações Unidas, o Chade ocupa o 163º lugar entre os 169 países que compõem a lista; e ao mesmo tempo – por causa da especulação originada pelo petróleo – a sua capital é – como o indicam alguns estudos – uma das cidades mais caras do mundo.

Por estas razões, a Igreja, com os poucos meios de que dispõe, dá uma importante ajuda à população graças aos seus centros de alfabetização, escolas, dispensários e hospitais. Para mim foi uma experiência

totalmente nova visitar e dirigir umas palavras aos alunos de algumas escolas católicas, nas quais 90% dos estudantes são muçulmanos.

Esta abertura das acções sociais da Igreja constitui no país uma das suas grandes diferenças relativamente às instituições assistenciais organizadas pelas outras confissões religiosas.

A diversidade linguística nalgumas zonas complica bastante a tarefa de evangelização. Conheci paróquias em que há sete línguas extremamente diferentes. Isto torna a tarefa pastoral muito complexa mesmo para os sacerdotes locais. Quando visito alguma destas paróquias tento ser breve e claro, pois quando começam as traduções em cada língua nunca mais se termina... e além disso, nem sempre se está seguro de que os “tradutores” que se encontram nas pequenas

aldeias tenham entendido bem o que se disse.

Costumes locais

Quando se chega a um lugar, na maioria dos casos depois de centenas de quilómetros de carro, o costume local impõe um ritual simples, que consiste em permanecer sentado (apesar de que o que na realidade se deseja não é outra coisa senão estar um pouco de pé) e beber, ao menos um copo de água.

Cumpridos estes passos, que incluem saudações especiais para as pessoas mais importantes, o diálogo tem lugar com grande espontaneidade. A refeição tem os seus ritos que variam de região para região. Alguns costumes foram para mim uma novidade, por exemplo, o chefe da casa não prova nada até que todos os seus hóspedes tenham acabado de comer o último prato. Em geral, os alimentos comem-se com a mão e a

partir de um só grande prato, do qual se servem todos os comensais e os homens comem num lugar diferente do das mulheres. Naquelas famílias em que há um só homem, este não come juntamente com a sua esposa, mas convida um amigo ou vizinho ou vai à casa destes para não comer sozinho.

A vida de família decorre ao ar livre. Sobretudo no campo, onde se encontram muito poucas casas; no norte são tendas e no sul cabanas. Em ambos os casos, trata-se de uma só divisão, muito pequena e sem janelas. Na realidade, quer as tendas quer as cabanas não estão concebidas para serem habitadas, mas unicamente para dormir e guardar os poucos pertences.

Uma profunda sede de Deus

É verdade que tratando-se de uma evangelização muito recente, permanecem ainda na população

muitos elementos de superstição, mas é também verdade – e quanto me alegrou notá-lo – que há uma profunda sede de Deus. Aqui todos, muçulmanos e cristãos, rezam muito; e todos querem conhecer mais a Deus e aprender.

Em cada um dos países para onde fui, até agora, enviado (Congo, Gabão, Eslovénia, Macedónia, Suíça, Liechtenstein, Cuba e Chade) quanto me continua a ajudar a entender as culturas e a viver intensamente o meu ministério no meio de pessoas tão diferentes aquilo que nos ensinou São Josemaria: *«O mundo espera-nos. Sim! Amamos apaixonadamente este mundo, porque Deus assim no-lo ensinou: "sic Deus dilexit mundum...", Deus amou assim o mundo; e porque é o lugar do nosso campo de batalha – uma formosíssima guerra de caridade – para que todos alcancemos a paz que Cristo veio instaurar»* (Sulco 290).

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/no-chade-
todos-muculmanos-e-cristaos-rezam-
muito/](https://opusdei.org/pt-pt/article/no-chade-todos-muculmanos-e-cristaos-rezam-muito/) (24/03/2026)